

O HUMANISMO PORTUGUÊS: 1500-1600

I Simpósio Nacional

Sob a égide da Academia das Ciências de Lisboa, realizou-se entre 21 e 25 de Outubro de 1985 o I Simpósio Nacional sobre «O Humanismo Português: 1500-1600». Ao seu secretário-geral, Professor José Vitorino de Pina Martins, cujos esforços, quando Director do Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris, conseguiram levar a efeito encontros regulares que tanto projectaram os estudos sobre a Cultura Portuguesa de Quinhentos no palco internacional (Cf. o Congresso «L'Humanisme Portugais et PEurope», realizado em Tours, em 1978), coube dinamizar este I Simpósio, em que participaram unicamente estudiosos nacionais.

O I Simpósio, que se anunciava integrado numa linha de propósitos a concretizar no futuro, foi aberto em Coimbra e continuado em Lisboa, Vila Viçosa e Évora, encerrando de novo em Lisboa, nas instalações da Academia das Ciências. O itinerário pretendeu confessadamente tornar-se o reflexo da parte mais significativa da geografia do Humanismo português no séc. XVI. E como o Humanismo foi inseparável do livro impresso, três mostras bibliográficas serviram de ilustração ao Simpósio: uma em Coimbra, «Humanismo e Universidade», outra em Lisboa, «Humanismo Português: 1500-1600», a terceira em Vila Viçosa, «Livros de Humanismo da Biblioteca de D. Manuel II».

Mas não só os livros, também os textos latinos foram factores determinantes do Humanismo europeu e por isso este I Simpósio se quis particularmente atento aos textos que, escritos na língua europeia que era então o latim, não só consubstanciaram uma parte muito importante da cultura portuguesa quinhentista, mas também a projectaram internacionalmente. Nesta perspectiva, as diversas comunicações centraram-se sobre João de Barros, Damião de Gois, Diogo de Teive, D. Jerónimo Osório, André de Resende, e ainda sobre os estudos gramaticais, as concepções do príncipe, além de sobre Sá de Miranda, Luís de Camões, a par de aspectos particulares do Humanismo, da importância da tipografia e do lugar ocupado por algumas cidades no Renascimento.

Estiveram presentes estudiosos de diversas Universidades e Instituições de investigação nacionais; da Faculdade de Letras do Porto participaram os Professores José Adriano de Carvalho, com um estudo sobre «Erudição e espiritualidade em Fr. Heitor Pinto», e Jorge Alves Osório, com uma comunicação dedicada a «O diálogo no Humanismo português».

Façam-se votos para que este I Simpósio, que foi ainda abrilhantado por um recital de música para cravo do séc. XVI, seja seguido por esse II Simpósio anunciado na «Apresentação» do programa.

Jorge A. Osório

450.<> ANIVERSÁRIO DA MORTE DE ERASMO DE ROTERDÃO

Na noite de 11 para 12 de Julho de 1536 morreu em Basileia Desidério Erasmo de Roterdão. Numa Europa dos humanistas, o autor do *Moriae Encomium* e dos *Colloquia* podia afirmar convictamente que «ego mundi cuius esse cupio».

Dentre as iniciativas realizadas ou previstas para assinalar a efeméride, destacam-se as *Journées Érasme. Éloge de la Folie — Colloques*, promovidas em Abril passado pelo Centre Culturel Suisse — Universidade de Basileia, de parceria com a Maison des Sciences de PHomme de Paris, e o *Colloque International d'Études Humanistes «Érasme de Rotterdam (1536-1986)»*, que o Centre d'Études Supérieures de la Renaissance da Universidade de Tours vai levar a efeito de 1 a 5 de Julho de 1986.

Como escreveu o humanista inglês John Colet, que Erasmo tanto apreciou, «Nomen Erasmi nunquam peribit»!

Jorge A. Osório

I SEMINÁRIO SOBRE OBJECTOS, PROBLEMAS E MÉTODOS EM HISTÓRIA DA CULTURA

O Instituto de Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras do Porto vai realizar o I Seminário sobre «Objectos, Problemas e Métodos em História da Cultura», a decorrer em 16, 17 e 18 de Outubro de 1986.

O Seminário contará com a participação de Investigadores nacionais e estrangeiros, nomeadamente os Professores Jean-Pierre Massaut, Hans Ulrich Gumbrecht, José Luis Peset e Roger Chartier.

Maria de Lurdes Fernandes

A PROPÓSITO DO CENTENÁRIO DA MORTE DE VICTOR HUGO

«Jésus-Christ n'a ressuscité qu'une fois; toi, tu peux emplir ta tombe de résurrections; tu peux, si mon conseil te semble bon avoir une mort inouïe; tu dirás en mourant: vous me réveillerez en dix-neuf-cent vingt, vous me réveillerez en dix-neuf cent quarente, vous me réveillerez en dix-neuf cent soixante, vous me réveillerez en dix-neuf cent quatrevingt, vous me réveillerez en l'an deux mille» *.

Este é o programa de prestígio e de glória que a Morte na noite de 29 de Setembro de 1854 revela pessoalmente ao exilado de Jersey, Desde então a profecia tem-se cumprido. Victor Hugo tem sucessivamente ressuscitado nas datas previstas. Quer através da publicação de obras póstumas ou de reedições, quer graças aos colóquios e outras manifestações artísticas que, um pouco por toda a parte e em especial no ano centenário da sua morte, actuam como símbolos externos do culto prestado ao génio literário do século XIX. Desaparecido em 22 de Maio de 1885, a sua ressonância poética foi, no entanto, pressentida bem cedo por um Barbey d'Aurevilly ao constatar, não sem uma ponta de ironia, o poder de «*ce vigoureux organisme de poete qui devait, tant il était robuste avoir terriblement de peine à mourir*»².

O diagnóstico continua válido. Se bem que no nosso século a sua produção tenha sido, por vezes, condenada a um «bric-à-brac» de convenção e esmiuçada em irrelevantes «morceaux choisis» que alteram qualitativamente a mensagem e desvirtuam a solidariedade textual da sua produção artística pode, entretanto, afirmar-se que Victor Hugo jamais foi um autor fossilizado mas antes indispensável pólo de transacção estética marcando fortemente muitos dos movimentos literários que o precederam.

Com uma tiragem média de 400.000 exemplares por ano, Victor Hugo é também, dos autores falecidos antes de 1939, e a par de Balzac, o mais frequentemente editado³.

¹ HUGO, V. — «Les tables parlantes, 29 Septembre 1854», *Oeuvres Completes*, Paris, édition chronologique J. Massin, C.F.L., Tome IX, 1968, p. 1439.

² *Jornal Le Pays*, 29 Nov. 1959, p. 3.

³ O número é significativo, mesmo quando comparado com autores mais representativos da nossa era. Assim, Aragon fica-se por 102.000 exemplares, Proust por 115.000 e Sartre não ultrapassa os 485.000.

MARIA DO NASCIMENTO OLIVEIRA CARNEIRO

Mas, 1985 foi verdadeiramente o ano hugoliano. Numerosas actividades artísticas e culturais rejuvenesceram o seu perfil. Dum vasto quadro, finalisticamente orientado, escolhemos falar de três manifestações, quer pela sua particular relevância, quer pelo facto de nelas termos participado ou assistido.

Promovido pela *Association Internationale de Littérature Comparée*, decorreu de 20 a 24 de Agosto de 1985, na Sorbonne, um simpósio subordinado ao tema: *Le rayonnement International de Voeuvre de Victor Hugo*⁴.

Foi no mais belo anfiteatro desta instituição académica — a sala Louis Liard — e sob o olhar emoldurado dos escritores do «Grand siècle» (Corneille, Molière, Pascal, Bossuet, Descartes e Racine) que, curiosamente, o mais significativo representante do romantismo francês, aquele que precisamente se orgulhava de ter colocado «*un bonnet rouge au vieux dictionnaire*»⁵ foi alvo da mais cosmopolita homenagem até hoje prestada. Cerca de trinta especialistas vindos dos 5 continentes (França, Alemanha, Itália, Luxemburgo, Espanha, Checoslováquia, Polónia, U.R.S.S., Índia, Vietnam, Israel, Canadá, U.S.A., Países Árabes, Argentina, Brasil, Japão, etc), evidenciaram a influência de ordem estética, ideológica e política que Victor Hugo exerceu, ainda em vida ou após a morte, sobre grupos, individualidades ou movimentos nos seus respectivos países. Foi ele, nalguns casos, o verdadeiro dinamizador dos valores e regimes democráticos. A sua criatividade foi atenciosamente seguida por escritores tão diversos como Dostoievsky e Tolstói. De igual modo, *UHomme qui RH* parece ter marcado profundamente E. A. Poe. No Vietnam do Norte, o seu nome, como uma flor exótica, ecoava requintadamente nas litánias duma seita religiosa por entre Buda, Confúcio e Jesus Cristo.

Portugal esteve representado pelo Prof. Álvaro Manuel Machado que reflectiu sobre *Pessoa et Hugo* e por mim própria. A intervenção do Prof. Álvaro Machado pôs especialmente a descoberto as avaliações incidentais e a atitude negativa com que Pessoa recebe Victor Hugo e o momento histórico-cultural que ele simbolizava, devido fundamentalmente à própria relação de Pessoa com o movimento «saudosista» português. Na minha comunicação, intitulada *Vimage de Victor Hugo au Portugal au XIX.^e siècle*, procurei dar uma visão panorâmica sobre o impacto da obra e da ideologia hugoliana no contexto do século XIX português, realçando a quase unanimidade na recepção e a pluridimensionalidade de uma imagem-símbolo.

Em conclusão, e de um modo global, a difusão da obra do poeta em tradução ou no original, a problemática da recepção, as adaptações líricas, teatrais e cinematográficas, os fenómenos de intertextualidade que ecoam na produção estrangeira, reflectindo de forma latente ou explícita a influência de Hugo, permaneceram os temas dominantes deste simpósio.

Entre 20 e 23 de Novembro de 1985 teve, por sua vez, lugar, também em Paris, o colóquio da *Société d'Histoire Littéraire de la France* que este ano assumiu em plenitude o «fenómeno Hugo», reunindo sob a égide do poeta a

⁴ As actas do simpósio serão publicadas, em breve, pela Sorbonne.

⁵ HUGO, V. — «Réponse à un acte d'accusation», in *Les Contemplations*, Paris, Seuil, 1972, p. 641.

NOTÍCIAS

maior parte dos hugolianos franceses como J. Seebacher, R. Journet, A. Ubersfeld, J. Gaudon, V. Brombert, H. Meschonnic, J. C. Fizaine, B. Leuilliot, etc.

O Senado, símbolo do poder político em França, recebeu os congressistas nesta primeira sessão e, como tal, emprestou uma coloração política às intervenções dos participantes. Aí foram abordadas a natureza e as relações do escritor com os sucessivos regimes bem como a sua projecção no contexto sócio-político de então.

Mudando-se seguidamente para o majestoso edifício do Grand Palais, o colóquio versou temáticas díspares, embora o envolvimento histórico-cultural do poeta com o meio circundante e o seu conceito de «História» tivessem sido as temáticas dominantes. As relações do escritor com a maçonaria, com o «saint-simonisme», com Lamennais, com Montalembert e com o próprio mercado editorial marcaram decisivamente a linha do colóquio. Foram também abordados, embora com carácter de subalternidade, a circularidade narcisista de certos textos de Victor Hugo e os problemas de técnica narrativa. É de salientar, igualmente, a perspectiva que aí se abriu sobre o mundo fantástico e imaginário da sua obra gráfica.

Mas foi extra-colóquio, e no triplo espaço alargado do Grand-Palais, do Petit-Palais e da Casa-museu de Victor Hugo (Place des Vosges), que foi erguido um minucioso inventário da sua passagem pelo século XIX e do seu original talento de poeta-deseñador.

La gloire de Victor Hugo foi o título escolhido no Grand-Palais para dar a conhecer as diversas facetas do homem e do escritor. Entre bustos e estátuas esculpidas por Rodin, entre o retrato oficial pintado por Bonnat e as numerosas caricaturas de A. Gill parodiando e satirizando o génio, triunfava a divisa orgulhosa dum «*Ego Hugo*». O micro-mundo do seu teatro e o poder da imaginação no traje ou na encenação mantinham uma identidade e uma relação sem quebra de coesão com as inúmeras gravuras, fotografias, edições e pinturas directamente inspiradas nas obras e personagens saídas da poderosa imaginação hugoliana. Um certo ludismo presidia também a esta exposição, graças à ousadia e ao arrojo de concepção de alguns objectos heteróclitos enraizados no imaginário popular e sabiamente explorados pela publicidade da época. A imagem de Victor Hugo entra em objectos de uso corrente como caixas de cigarros, de chocolates ou marcas de perfumes. A sua esfinge modela cachimbos e cinzeiros. Padarias, cafés e avenidas fazem propaganda do seu nome.

Paralelamente, no Petit-Palais e na Casa-museu de Victor Hugo, podia apreciar-se a qualidade artística dos desenhos do homem de letras e os seus dons de poeta visionário, numa exposição que procurou ser exaustiva. Aí se descobria a faceta pouco explorada do artista e se multiplicava numa espécie de «mise en abyme» a sua própria produção textual.

Sem paragem nesta dinâmica de evocação e de glorificação de Victor Hugo decorreram, nos dias 25, 26 e 27 de Novembro de 1985, na Universidade de Paris VIII (Saint Denis), as *Journées d'études hugoliennes* voltadas, agora, para os manuscritos e para as infra-estruturas das suas obras. Os rascunhos, os manuscritos, as margens do texto, as cópias e as notas, enquanto mecanismos de criação e utilização ulterior, em suma, os processos genéticos que presidem

MARIA DO NASCIMENTO OLIVEIRA CARNEIRO

à formação e à construção da obra foram aqui apontados como tarefa fundamental de toda a investigação.

Perante as numerosas e multiformes manifestações em memória de Victor Hugo seria legítimo citar aqui a reflexão que François Mauriac fazia em 1952: «*Victor Hugo commence à peine à être connu. Le voilà au seuil de sa vraie gloire.*

Son purgatoire est finfa ⁶.

Maria do Nascimento Oliveira Carneiro

⁶ «La gloire de Victor Hugo», citado por *Le Petit journal des grandes expositions*, Paris, Ministère de la Culture, 1985, p. 4.

NONO COLLOQUIUM NEERLANDICUM

De 26 a 30 de Agosto de 1985 realizou-se o *Nono Colloquium Neerlandicum*, organizado pela IVN (Internationale Vereniging Neerlandistiek). Esta organização nasceu uns trinta anos atrás de uma iniciativa do Professor W. Thijs, da universidade de Lille na França, no intuito de os docentes de neerlandês em universidades estrangeiras se juntarem e colaborarem. Ao longo dos anos foi crescendo, ganhando o apoio das entidades governamentais e conseguindo um certo impacto. Das actividades da IVN constam, entre outras, a publicação da revista *Neerlandica Extra Muros* e a organização de *colóquios triénios*, alternativamente nos Países Baixos e na Bélgica/Flandres.

No ano findo a Universidade Católica de Nijmegen foi anfitriã e o Rector Magnificus proferiu a palestra de abertura oficial, expondo o problema dos estudantes estrangeiros em integrar-se nas universidades e institutos superiores dos Países Baixos [em média dois mil por ano] por falta de conhecimentos adequados de neerlandês e apontando as soluções que se encontraram.

Como é provavelmente a primeira vez que se fala em Portugal nesta Organização e os seus colóquios, pode ser interessante enumerar os participantes, principalmente docentes mas também alguns tradutores: África do Sul: 2; Alemanha Federal: 13; Austrália: 3; Checoslováquia: 3; Dinamarca: 3; Espanha: 1; Estados Unidos: 10; Finlândia: 1; França: 7; Grã-Bretanha: 7; Hungria: 3; Indonésia: 3; Itália: 7; Coreia: 1; Noruega: 2; Polónia: 10; Portugal: 2; República Democrática Alemã: 3; Roménia: 1; Suécia: 3; Suíça: 1. Não existe nenhuma obrigação de participar e este quadro do neerlandês no estrangeiro fica portanto muito incompleto, mas mesmo assim dá uma relativa ideia da sua distribuição. A este núcleo fixo juntaram-se por mais ou menos tempo personalidades do mundo académico dos Países Baixos e da Bélgica; interessados e simpatizantes de vários quadrantes; e também antigos docentes.

No 2.º dia do colóquio dominou a *Língua*, no 3.º a *Literatura Moderna* e no 4.º a *Civilização*. Desta vez adoptou-se uma fórmula um tanto diferente: as sessões plenárias foram entremeadas com sessões de trabalho em pequenos grupos e sempre com alternativa paralela. Assim podia-se, no dia da Língua, escolher entre *A Gramática* e *O Vocabulário*; no dia da Literatura entre *A Prosa do Sul*, *A Prosa do Norte* e *A Poesia*; no dia da Civilização entre *Trabalhar com filmes e vídeo* e *A civilização integrada no ensino da língua ou aparte?*

Os temas dos plenários foram:

- O «trend» comunicativo. (Prof. Dr. A. M. Hagen — Nijmegen).
- Aspectos de vocabulário e gramática na aquisição da língua materna e da língua estrangeira. (Doutor L. Beheydt — U. C. Louvain la-Neuve).
- Em voo de pássaro. (Prof. Dr. K. Fens — Nijmegen).

- Continuidade e discontinuidade na história do pós-guerra nos Países Baixos. (Prof. Dr. E. H. Kossman — Groningen).
- A evolução dos Países Baixos e da Flandres nos últimos vinte anos (em forma de «fórum» com quatro convidados).

Novo foi também o contributo da União Linguística. Três anos atrás, na altura do oitavo colóquio em Lovaina, esta estava ainda em fase de estruturação. Entretanto ficou «operacional». Visto que um dos seus objectivos é «uma política conjunta em relação à língua e letras neerlandesas no contexto internacional, particularmente dentro da Comunidade Europeia», o secretário-geral, Dr. O. de Wandel, esclareceu este assunto. A seguir apresentou-se para avaliação pelos participantes do colóquio o resultado concreto de duas iniciativas. A primeira foi o inventário provisório das necessidades dos cursos de neerlandês no estrangeiro, acompanhado de dois suplementos: levantamento dos meios didácticos existentes no domínio do livro, com eventuais meios audiovisuais, por um lado; e no domínio da televisão por outro lado. Deste inventário pode-se deduzir as carências existentes. Assim nota-se que para o ensino do neerlandês em Portugal ainda não existem meios adequados: faltam um manual, uma gramática apropriada e um dicionário que mereça este nome. A segunda iniciativa da União Linguística existia na elaboração de listas de livros, acabados de imprimir, com interesse para as bibliotecas estrangeiras.

Ao mesmo tempo decorreram duas exposições: uma de obras antigas importantes sobre a língua e literatura neerlandesas, pertencentes à biblioteca universitária de Nijmegen; outra de material didáctico organizada por várias casas editoriais.

O Prof. Dr. J. Wilmots (Hasselt) que, na sua função de presidente da IVN, tinha proferido as palavras de boas vindas, presidiu também à assembleia dos membros desta organização — último ponto do programa oficial do colóquio—até entregar a presidência ao Prof. Dr. A. J. M. van Seggelen (Estrasburgo), ficando o Doutor Th. Hermans (Londres) como vice-presidente. Esta transmissão foi importante visto que, com a saída do Prof. Wilmots, saiu da direcção o último dos pioneiros desta organização. Agora responsabiliza-se a segunda geração.

Como é costume manifestações culturais, visitas turísticas e contactos colegiais e amigáveis completaram o programa — estes últimos tendo tanta importância como as palestras, já que, como disse um colega, a profissão de docente de neerlandês no estrangeiro é uma profissão solitária.

No banquete de despedida despedimo-nos também da doutora E. Talsma, que durante muitos anos, como funcionária e amiga, acompanhou os docentes nas suas actividades e a quem o leitorado do Porto deve boa parte da sua biblioteca.

N.B.

A falta de dicionário neerlandês ±5 português, que tanto nos dificultou o trabalho, será em breve superada.

D.^a Miraldina Baltazar, portuguesa radicada na Flandres, acabou o seu dicionário, em que trabalhou estritamente com o seu marido belga. A editora é a Standaard e a publicação está prevista para 1986.

NOTÍCIAS

A médio prazo haverá outro, provavelmente mais amplo, devido ao alargamento da CEE. A necessidade de um dicionário de tradução especializado tornou-se aguda e está-se neste momento a constituir um grupo de trabalho.

Aliás, aumentou de maneira geral o interesse pela língua portuguesa nos vários países membros, traduzindo-se, entre outros, no crescimento do número de alunos nos vários cursos.

Roza Huylebrouck